

# **Possíveis contribuições metodológicas da Antropologia Interpretativa de Clifford Geertz às pesquisas em Ensino de Ciências**

## **Possible methodological contributions of the Interpretive Anthropology of Clifford Geertz to research in Science Education**

**Ana Carolina Biscalquini Talamoni**

UNESP

carolinatalamoni@gmail.com

### **Resumo**

Este trabalho de cunho teórico é parte de pesquisa de doutoramento em Ensino de Ciências e objetiva apresentar os preceitos da metodologia da “descrição densa” de Clifford Geertz. Uma das problemáticas enfrentadas pelas pesquisas em Ensino de Ciências refere-se à questão da observação de processos de ensino e aprendizagem e de como a referida técnica pode ser utilizada dentro dos critérios de cientificidade estabelecidos pelas pesquisas qualitativas. Neste encaminhamento, a subjetividade do pesquisador mostra-se comumente como um obstáculo a ser transposto a fim de que se garanta a compatibilidade entre a realidade observada e a sua descrição, efetuada *a posteriori*. Este impasse é de certa forma esclarecido pela teoria de Geertz que, acredita-se, possa trazer novo fôlego às investigações em Ensino de Ciências ao reposicionar a figura do pesquisador no processo de construção do conhecimento científico de cunho etnológico.

**Palavras chave:** pesquisas qualitativas, educação, ensino de ciências, descrição densa, metodologia de pesquisa.

### **Abstract**

This work is part of a doctoral research in Science Education and aims to present the principles and fundamentals of research methodology known as "thick description", inaugurated by the American anthropologist Clifford Geertz, for, from this, to establish possible relationships between the ethnographic and qualitative research in education. One of the problems faced by research in Science Teaching refers to the question of observing processes of teaching and learning and how this technique can be used within the scientific criteria set by qualitative research. In this routing, the subjectivity of the researcher commonly shows up as an obstacle to be overcome through the use of electronic devices to ensure compatibility between observed reality and the description of it, made *a posteriori*. This impasse is somewhat clarified by Geertz that theory, it is believed, can bring new impetus to research in Science Education to reposition the figure of the researcher in the construction of scientific knowledge.

**Keywords:** qualitative research, education, science teaching, thick description, methodology research.

## Conceitos fenomenológicos e a Antropologia Interpretativa

O método de observação e descrição densa que vigora no núcleo do programa da Antropologia Interpretativa de Clifford Geertz, objeto deste trabalho, guarda influências de alguns conceitos basilares da Fenomenologia de Edmund Husserl, que cabem serem apresentados ainda que de forma preliminar e suscintamente. O primeiro conceito, que é certamente o fundador desta linha filosófica, afirma que a existência humana é completamente engajada no mundo vida, e deste engajamento é que se dá toda experiência humana. Originou-se de uma problemática comum nas Ciências Sociais e Humanas que se refere à pertinência da aplicação de métodos de pesquisa das Ciências Naturais às suas investigações e, “consequentemente, é uma Filosofia que duvida de todo conhecimento aceito, socialmente, até que seja inteiramente confirmado por um método que enfatize a consciência dos observadores” (GORMAN, 1979, p. 27).

Husserl foi fortemente influenciado pelo conceito de intencionalidade (GILES, 1975), criado para “distinguir entre atividades mentais ou psicológicas (tais como pensar, desejar, odiar, etc.) e fenômenos físicos. O único atributo da classe precedente de atividade é pretender o seu objetivo, isto é, concentrar a consciência nele e, dessa forma, submetê-lo à atenção do sujeito” (GORMAN, 1979, p. 28). Neste sentido, todo conhecimento deriva da estrutura da consciência e da relação de objetividade que ela estabelece conscientemente com a realidade. A intencionalidade da consciência está sempre focada a um objeto intencional eleito pela consciência observadora e descritiva (HUSSERL, 2008); essa ideia, que se tornou um conceito-chave da fenomenologia husserliana, também foi empregada por Geertz, ao afirmar que o pesquisador tem sempre um olhar focado em objetos intencionais por ele eleitos.

No entanto, as influências da Filosofia de Husserl sobre a Antropologia de Geertz, seu método de observação e descrição densa, encerra-se neste ponto da referida teoria, pois a partir dele Husserl desenvolveu a *epoché*, a dúvida, que buscava eliminar qualquer posição ou atividade pessoal relacionada à existência individual. Husserl denominou o processo de depurar o conhecimento como “redução fenomenológica”, e ao tentar eliminar a subjetividade da perspectiva fenomenológica, fez com que a própria fenomenologia se aproximasse, segundo Giles, de um neocartesianismo (GILES, 1975, p. 131), incompatível com as ideias exploradas por Geertz em *El Antropólogo como autor* (1989).

Certamente a partir deste ponto, os subsídios teóricos potencialmente oferecidos pela fenomenologia à Antropologia Interpretativa de Geertz foram proporcionados pela Fenomenologia de Merleau-Ponty (1996). Segundo o filósofo e psicólogo francês, na busca das essências, exercício fundamental do olhar fenomenológico sobre as coisas, o indivíduo ou pesquisador faz um exercício de voltar-se à experiência de viver no mundo vida, de inserir-se nele, sendo esta uma experiência original anterior ao conhecimento. Para Merleau-Ponty, trata-se de retornar ao ponto no qual a percepção se dá, antes de ser capturada pela consciência e subsumida pelo conhecimento, ou melhor, é retornar ao momento em que a experiência não faz parte do conhecimento sobre o qual “o conhecimento sempre fala”. Assim, o real deve ser descrito, e não construído ou constituído, uma vez que não é possível assimilar as percepções às sínteses que são da ordem do juízo, dos atos ou da predicação (MERLEAU-PONTY, 1996, p. 4-5). É este o encaminhamento que a observação e a descrição densa de Geertz delineiam.

## **A descrição densa de Clifford Geertz**

Entende-se por descrição densa, o método de observação criado por Clifford Geertz (1978) para o desenvolvimento de investigações de cunho etnográfico/etnológico, motivo pelo qual pode ser utilizada tanto nas pesquisas sociais aplicadas em geral quanto, mais especificamente, nas pesquisas qualitativas em educação. Tem por objetivo proporcionar a compreensão das estruturas significantes implicadas na ação social observada, como por exemplo, o fenômeno educativo, que necessita primeiramente ser apreendida para depois ser apresentada. As estruturas significantes são produzidas pelos indivíduos na interação com o mundo do qual participam.

Assim, o “estar no mundo” não se confina na reprodução deste mesmo mundo. Para Geertz, viver se constitui na contínua operação de questionar, aceitar ou rejeitar o que lhe é apresentado, incorporando uma versão em certo sentido própria e original de “realidade”. Tal operação individual implica em consequências teórico-epistemológicas, isto porque não só se relativiza o que pode ser entendido como realidade, mas também a fala do pesquisador e a do pesquisado. O programa da descrição densa está afinado com pelo menos três ideias fundamentais elaboradas por Geertz, sejam eles o conceito de cultura, a ideia do “estar lá”, e a do pesquisador enquanto autor.

Para Geertz (1978) a cultura é o entrelaçamento de significados criados pelos próprios homens, e no qual eles mesmos se encontram implicados, submersos (GEERTZ, 1978, p. 15). Portanto, investigar uma determinada cultura, como aquela que se estabelece de forma singular em cada sala de aula, no caso das pesquisas em educação que visam a compreensão dos processos de ensino e aprendizagem, implica na apreensão dos conjuntos de significados compartilhados pela própria comunidade pesquisada, e só podem ser buscados na ação social observada, esta última entendida como todo comportamento dotado de significado intersubjetivo, e portanto, de forma contextual.

A descrição densa não tem como objetivo o diagnóstico de uma cultura ou realidade, mas antes, “o alargamento do universo do discurso humano” (GEERTZ, 1978, p. 24), viabilizando o diálogo entre a cultura do pesquisador e a cultura do grupo pesquisado. A validade de sua proposta reside, portanto, no âmbito das pesquisas qualitativas em educação e/ou ensino de ciências que buscam beneficiar-se da observação enquanto técnica de coleta de dados a fim de ampliar a compreensão dos processos interpessoais, históricos e sociais envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem.

Outro conceito pertinente ao método da descrição densa relaciona-se à ideia do “estar lá”, ou seja, da importância da presença do cientista no local investigado, o que lhe permite, a partir de sua experiência de imersão em uma nova cultura, produzir aquilo que Geertz (2008) denominou por conhecimento ou saber local. A inserção do pesquisador em determinado ambiente com o intuito de observar e compreender o mesmo constitui-se em uma ação social, a uma experiência que sempre altera, em maior ou menor grau, a dinâmica do local investigado, podendo gerar estranhamento e outras reações por parte dos sujeitos da pesquisa.

A escola, a sala de aula, o laboratório didático de ciências, dentre outros ambientes pertinentes às pesquisas em Ensino de Ciências possuem identidades grupais das quais derivam subculturas que lhes são próprias, e que são desestabilizadas pela presença do pesquisador, negando-lhe *a priori* a imparcialidade e a neutralidade; ele estava lá e, portanto, sua presença foi condição e contingência de pesquisa (GEERTZ, 1989).

O “estar lá”, ou seja, a presença do pesquisador no ambiente investigado constitui-se sempre em um paradoxo, pois ele é o observador e o narrador de uma determinada cultura que ele, e apenas ele conheceu, pois sob determinadas circunstâncias que ele, e apenas ele experienciou.

Sua tarefa é *a priori* realizar um trabalho de observação sistematizado sob a ótica da neutralidade científica, mas ao mesmo tempo em que ele deve dar provas de sua imparcialidade, tem de recorrer a sua experiência e empenha no fato de ter estado lá, a legitimidade de seus saberes.

Neste sentido, a autoridade do cientista decorre de sua fala, que atesta o que ele viu, e o problema que se impõe ao método é como apurar a veracidade ou realidade dos fatos descritos. Para precaver-se desta interrogação, e em função dos avanços tecnológicos a serviço da ciência, as pesquisas etnográficas e, sobretudo, as pesquisas em educação, têm disposto de materiais de gravação áudios-visuais e feito deste material obtido, a fonte de suas observações e coleta de dados. Acredita-se, no entanto, que estes recursos não respondem à interrogação acima, haja vista o caráter fenomenológico da descrição densa, uma vez que “la consideración de las relaciones del antropólogo con la gente que estudia son relevantes para la naturaleza de sus resultados” (GEERTZ, 1989, p. 23).

A descrição densa permite a compreensão de aspectos relevantes dos processos de ensino e aprendizagem tais como a qualidade das relações interpessoais estabelecidas entre professores e alunos, as formas de diálogo empreendidas em sala de aula, as condicionantes sociais, econômicas e históricas nas quais se desenvolve determinado processo educativo, o que ocorre devido às exigências de atenção que requer do pesquisador para com a observação dos comportamentos e dos fluxos de comportamentos que se articulam na forma cultural investigada. Ademais, o método, por ter influência fenomenológica, antevê que o ato de observar, descrever e analisar são sempre construções do pesquisador, este também um representante de uma cultura específica, dotado de uma formação acadêmica, linguagem e de uma história de vida singular, que podem direcionar o seu olhar e, portanto, o recorte da realidade por ele efetuado.

Tendo considerado a importância do “estar lá” nas pesquisas etnográficas, bem como seu caráter ambíguo, passa-se à última ideia de Geertz sobre a qual se fundamenta o programa da descrição densa: trata-se do conceito do pesquisador como autor. As estratégias narrativas utilizadas em trabalhos de cunho etnográfico, ou seja, que operam transições entre culturas distintas, foram exploradas nas análises interpretativas de Geertz (1978; 1989; 2001; 2008), nos quais ele buscou favorecer recursos linguísticos diversificados em detrimento da linguagem científica, motivo pelo qual o antropólogo e seu programa da descrição densa foram, e tem sido alvo de críticas no âmbito acadêmico (REYNOSO, 1995).

No prefácio à primeira edição de *El Antropólogo como autor* (1989), Geertz admite a influência da subjetividade e dos dados biográficos em seus estudos e em sua própria escrita. Afirma não acreditar no caráter ontologicamente autônomo dos textos, e considera tanto as questões históricas quanto as biográficas que perpassam as descrições etnográficas, como de fundamental importância para as análises posteriores. Na descrição densa, a incumbência do pesquisador ao observar uma determinada realidade, não se limita a apenas transcrever os fatos observados, mas, a partir destes dados, oferecer uma abordagem interpretativa dos comportamentos e costumes analisados.

Na tentativa pouco ambiciosa de refutar as críticas à sua escrita, Geertz (1989, p. 13) sempre proclamou que era necessário admitir o caráter literário da descrição, uma vez que a substância fatural dos registros e textos etnográficos por si só, nem sempre eram suficientes e convincentes. Ou seja, a amplitude ou a minúcia de uma descrição nem sempre garantem a apreensão de uma realidade, porque o alcance dos registros etnográficos baseados em argumentos teóricos, faturalistas, estruturalistas, ou generalizantes podem não corresponder à complexidade dos fatos observados, complexidade esta que só pode ser abrangida à medida que se aprofunda a descrição e sua interpretação (op. cit., 1989, p. 13-4).

Assim, o que garante a veracidade ao relato é justamente a capacidade do pesquisador em persuadir seus leitores de que ele “esteve lá”, naquele “outro mundo”, com outra forma de viver e saber, o que se dá em parte pelo caráter concreto das descrições etnográficas. Porém, é Geertz (1989) quem adverte sobre a possibilidade de que dois ou mais pesquisadores tenham estado em um mesmo local, com os mesmos grupos de pessoas, e que ainda assim desenvolvam estudos e análises contraditórias. Desta nota subtrai-se que o olhar do pesquisador é sempre focado e, ainda, que a realidade observada é sempre relativa ao foco ou paradigma daquele que observa e, portanto, sujeita a mais de uma forma de análise e compreensão: “Incapaces de recuperar la inmediatez del trabajo de campo para su reevaluación empírica, escuchamos determinadas voces e ignoramos otras” (GEERTZ, 1989, p. 15-6).

O autor, aquele que fala, importa muito no processo de descrição densa, e sua preocupação maior deve centrar-se em sua escrita, no sentido de que ela deve expressar e transmitir “em prosa” a impressão do investigador ao entrar em contato com vidas que até então ele desconhecia. Para Geertz (1989), muito se perde quando a maior atenção do autor dirige-se à pretensa neutralidade da escrita científica:

Del mismo modo que la crítica de ficción y poesía se alimenta mucho más de un compromiso efectivo con la ficción y poesía mismas, que de nociones importadas sobre lo que ambas deberían ser, La crítica de La escritura etnográfica (que sentido amplio es tan poética como ficcional) debería nutrirse de idéntico compromiso con La escritura misma, y no de preconcepciones sobre lo que debe parecer para que se califique de ciencia (op. cit., 1989, p. 16).

A escrita do pesquisador deve evidenciar os fatos observados, o “saber local” e neste processo ele cria necessariamente uma identidade textual. Esta identidade textual pretende ser subsumida do processo de descrição mediante a terminologia e a linguagem científicas, e pode-se afirmar que este é um projeto de difícil empreendimento. A forma com que o autor se manifesta no texto, a maneira como constrói seu discurso, formula suas ideias e os recursos linguísticos que ele utiliza como o vocabulário, a retórica, os tipos de argumentos, etc. exprimem essa identidade textual e dão indícios de sua sensibilidade e história de vida.

### **Descrição densa, Pesquisa Qualitativa em Educação e o campo da Educação em Ciências**

Segundo Lüdke e André (1986), a pesquisa qualitativa se caracteriza pela “obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes” (p. 13). Portanto, o desenvolvimento da mesma preocupa-se “menos com a generalização e mais com o aprofundamento e abrangência da compreensão seja de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma política ou de uma representação” (MINAYO, 2000, p.102).

A observação figura como uma das principais técnicas de coleta de dados nas pesquisas qualitativas em Educação (MINAYO, 2000; GIL, 1999; LUDKE, ANDRÉ, 1986; PATTON, 2002), sejam elas pesquisas participantes ou não, e tem por objetivo proporcionar ao pesquisador uma visão mais abrangente do fenômeno estudado. Com ou sem o auxílio de equipamentos de áudio e vídeo, a observação permite a elaboração de diários de campo, uma ferramenta importante para contextualização dos dados obtidos também através de técnicas complementares como os questionários, entrevistas, dentre outras (SCHATZMAN,

STRAUSS, 1973; STRAUSS, CORBIN, 1990; BOGDAN, BIKLEN, 1982; GLASER, STRAUSS, 1967).

O conteúdo observado, por seu turno, é submetido a um processo de descrição, mais ou menos literal, momento no qual, pela ótica de Geertz, efetua-se um recorte da realidade em função da história de vida e formação acadêmica do pesquisador. Neste encaminhamento, mostra-se necessário definir o conceito de “descrição” para depois, elucidar como esta tarefa, intrínseca aos pesquisadores que se propõem a compreender um determinado grupo social, situa-o sempre em uma posição paradoxal: mediar seu próprio papel frente à cultura estudada e a comunidade científica que ele mesmo representa.

As ideias, no sentido kantiano, resultam de um processo de racionalização acerca de objetos ou fenômenos que se opõem às percepções que estes mesmos objetos e fenômenos representados pelas ideias podem suscitar. Enquanto conceitos, as ideias têm o intuito de expressarem algo que não pode ser visto senão através de uma determinada “categoria do olhar”, aquilo que anteriormente denominou-se como foco (MARTINS, 1997). Em contrapartida à ideia como conceito, que é o substantivo, Martins (1997) evoca a existência de conceitos descritivos, adjetivos, que caracterizam, classificam e/ ou expressam a natureza essencial das coisas e que são intermediados pela percepção.

Os conceitos descritivos servem para descrever, verbo que segundo o dicionário da língua portuguesa, significa “1- fazer a descrição de; narrar. 2- expor, contar minuciosamente”, enquanto a descrição refere-se “ao ato ou efeito de descrever. 2- exposição circunstanciada feita pela palavra falada ou escrita” (FERREIRA, 1986, p. 554). Destas definições depreende-se que descrever envolve uma ação que é dirigida a alguém, um monólogo que parece assumir a forma de uma descrição a alguma pessoa que desconhece o seu conteúdo, pois, se este interlocutor compartilhasse previamente do conhecimento de que trata a descrição, tratar-se-ia não de uma descrição em seu sentido substantivo, mas de um relato de experiência (MARTINS, 1997).

É condição *sine qua non* da descrição, o local privilegiado daquele que descreve; ele tem acesso a dados e minúcias que permitem uma apresentação ou uma ampliação do entendimento do interlocutor, acerca do objeto da descrição:

O mérito principal de uma descrição não é sempre a sua exatidão ou seus pormenores, mas a capacidade que ela possa ter de criar uma reprodução tão clara possível para o leitor da descrição. Poderá haver tantas descrições de uma mesma coisa quantas sejam as pessoas especialistas que vejam essa mesma coisa (MARTINS, 1997, p. 56).

Neste encaminhamento, é possível inferir que não existem descrições certas e descrições erradas, mas antes, descrições boas ou más, mais completas ou menos completas. Não há lugar para o verdadeiro em oposição ao falso em uma descrição, pois toda descrição se dá de forma afirmativa, parte de uma positividade.

Tendo discutido a questão da descrição a partir de uma breve análise semântica, colocou-se em evidência o papel ao mesmo tempo privilegiado e particular que ocupa o investigador que se propõem à tarefa descritiva. Por mais asséptica que seja sua descrição e por mais que ela tente corresponder *ipsis litteris* a uma determinada situação ou cenário previamente observado, e quiçá documentado, ela só pode se realizar enquanto substantivo à medida que comunica, narra algo que o interlocutor desconhece. Por esta razão, as descrições são sempre fadadas a questionamentos, sobretudo acerca de o quanto elas de fato representam uma realidade.

## Considerações finais

A descrição densa é produto de uma experiência intercultural vivida pelo observador e deriva, portanto, de percepções subjetivas e intersubjetivas. Aqui se aponta para o fato de que o pesquisador estabelece comunicação interpessoal tanto com os sujeitos de sua pesquisa, membros de outra cultura, quanto com seus pares no âmbito acadêmico, e estas comunicações são de naturezas diferentes à medida que compartilham de códigos corporais e de significados linguísticos distintos.

A primeira necessidade do pesquisador é justamente estabelecer esta comunicação e se apropriar destes códigos a fim de aprofundar a sua interpretação acerca dos eventos observados. Sem estes códigos, a descrição não faria nenhum sentido. É justamente a busca de significado que diferencia a descrição densa de outras abordagens metodológicas de pesquisa, motivo pelo qual ela comporta estratégias narrativas e recursos linguísticos como as transferências metafóricas, as analogias e as comparações literárias. Para Geertz, a descrição densa não é uma imitação, uma representação ou uma expressão de determinada cultura. Trata-se mais de um exemplo que objetiva aprofundar a compreensão de sua natureza interna (GEERTZ, 1978, p. 315).

A pesquisa etnológica, conforme proposta por Geertz está mais centrada “no refinamento do debate” do que na busca de um consenso. Este refinamento, por seu turno, repousa na capacidade do pesquisador em aprofundar tanto sua descrição quanto a interpretação. Ou seja, ele imerge, enquanto representante de sua própria cultura, em uma nova cultura onde buscará estabelecer um diálogo frutífero com os sujeitos observados.

Enfim, acredita-se que a metodologia da descrição densa possa oferecer subsídios teórico-metodológicos importantes para as pesquisas em educação e mais especificamente às pesquisas em Ensino de Ciências por proporcionar uma visão diferenciada, porém bastante consistente, acerca do papel do pesquisador e de sua subjetividade no processo de observação e descrição das realidades investigadas e, sobretudo, no processo de construção de conhecimentos científicos, no âmbito das pesquisas qualitativas. Seu alcance, sua aplicabilidade em pesquisas em sala de aula, bem como os desafios imanentes à comunicação de resultados de análise de dados colhidos através desta metodologia específica serão temas abordados em trabalhos posteriores.

## Referências

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Pesquisa qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e métodos**. Boston: Allyn and Bacon, Inc., 1982.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. **El antropólogo como autor**. Barcelona: Paidós Ibérica, 1989.

\_\_\_\_\_. **O saber local**. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Nova luz sobre a Antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GILES, T. R. **História do existencialismo e da fenomenologia**. São Paulo: EPU, 1975.

- GLASER, B. G.; STRAUSS, A. L. **A descoberta da teoria fundamentada**. Chicago, IL: Aldine Publishing Company, 1967.
- GORMAN, R. A. **A visão dual**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- HUSSERL, E. **Ideias para uma fenomenologia pura**. 2 ed. Campinas: Ideias & Letras, 2008.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MERLEAU-PONTY, M. **A fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- MARTINS, J. A pesquisa qualitativa. In: FAZENDA, I. (org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1997. p. 48-58.
- MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7 ed. São Paulo: Hucitec, Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.
- PATTON, M. Q. **Qualitative research & evaluation methods**. 3 ed. London: Sage Publications, 2002.
- REYNOSO, C. El lado oscuro de la descripción densa. **Revista de Antropologia**, Buenos Aires, n.16, 1995. Disponível em: <<http://txtantropologia.files.wordpress.com/2007/08/reynoso-carlos-el-lado-oscuro-de-la-description-densa-www.txtdeantropologiawordpresscom.pdf>> Acesso em: 20 nov. 2008.
- SCHATZMAN, L. ; STRAUSS, A.L. **Pesquisa de campo** . Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, Inc., 1973.
- STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Basics of Qualitative Research: Grounded Theory Procedures and Techniques**. London: Sage Pulications, 1990.